

Revista

# UBC

REVISTA DA  
UNIÃO BRASILEIRA  
DE COMPOSITORES  
#12 / MARÇO DE 2012

**+ TOCA (E VÊ) RAUUUUUL!**

**+ EMBARQUE DE INSTRUMENTOS:  
A CONFUSÃO ESTÁ NO AR**

**+ NOS 70 ANOS DA UBC,  
UMA HOMENAGEM A  
MÁRIO LAGO**

# ALCEU VALENÇA

ISSN 2176153-1



9 772176 153002

REVERENCIADO NO CARNAVAL DE PERNAMBUCO,  
QUE AJUDOU A CRAVAR NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO,  
COMPOSITOR COMEMORA QUATRO DÉCADAS  
DE UMA CARREIRA BEM-SUCEDIDA



FRÉDÉRIC CHOPIN

40



ÂNGELA MARIA

50



DERCY GONÇALVES

60



VINIÍCIUS DE MORAES

70



RITA LEE

80

90



MÁRIO LAGO

2000



ERASMO CARLOS

2010



ROUPA NOVA



REVISTA DA UNIÃO BRASILEIRA DE COMPOSITORES #12 : MARÇO DE 2012



## EDITORIAL

A música é união, sinfonia, encontro de sons. No caso das canções, o som dos instrumentos se junta à poesia e à voz. Mas quem cria beleza para todos precisa sobreviver, viver do produto de seu trabalho, ver sua obra e seu talento reconhecidos. Aí nasce um importante direito humano, o autoral. A história da luta dos compositores musicais do Brasil vem desde a pioneira Chiquinha Gonzaga e tem uma data símbolo, 22 de junho de 1942. Foi o dia em que todos se uniram para fundar a União Brasileira de Compositores, a UBC. Há 70 anos, a UBC é a nossa sinfônica, o braço que nos une e protege os nossos direitos.

*Fernando Brant*



- 04 : NOVIDADES NACIONAIS
- 06 : **LANÇAMENTOS**
- 07 : NOVIDADES INTERNACIONAIS
- 08 : CINEMA: **RAUL SEIXAS**
- 10 : ENTREVISTA: **FILIPE CATTO**

- 11 : FIQUE DE OLHO
- 12 : CAPA: **ALCEU VALENÇA**
- 16 : ENTREVISTA: **BID**
- 17 : **ARRECAÇÃO DIGITAL**
- 18 : TRANSPORTE DE INSTRUMENTOS
- 20 : HOMENAGEM: **MÁRIO LAGO**

Há 70 anos a UBC acompanha de perto a história da música brasileira



A Revista UBC é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Aloysio Reis, José Antônio Perdomo, Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editor:** Alessandro Soler (MTB 26293) / **Colaboraram nesta edição:** André Bezerra, Cláudia Alves e Leonardo Faria / **Foto da capa:** Beto Figueiroa / SantoLima / **Tiragem:** 5.000 exemplares / Distribuição gratuita



## TODOS OS SOTAQUES DO BATUQUE

**O PERNAMBUCANO REPPOLHO LANÇA LIVRO QUE REÚNE SUAS PESQUISAS SOBRE INSTRUMENTOS DE PERCUSSÃO RECOLHIDOS EM ANDANÇAS PELO MUNDO**

O pernambucano Givaldo José dos Santos, mais conhecido como Reppolho, tem um currículo digno de nota. Percussionista, tocou com Gilberto Gil, Elba Ramalho, Milton Nascimento, João Bosco, Alceu Valença e um sem-número de outros grandes nomes da música brasileira. A estrada percorrida nos seus 37 anos de carreira o levou a Europa, Estados Unidos, África e Ásia. E ele não colecionou só experiência. Pesquisador da música percussiva, ele acumulou cerca de 100 instrumentos de várias partes do planeta, que guarda em casa e usa em gravações e shows. Sempre interessado em entender as origens de cada um deles, Reppolho se pôs a recolher, desde 1981, um rico material, e dessa pesquisa nasceu seu “Dicionário Ilustrado de Ritmos e Instrumentos de Percussão”. A obra foi editada de maneira independente, e o próprio músico se encarrega de levá-la para livrarias e enviá-la a interessados, no Brasil e no exterior. Em entrevista à Revista da UBC, Reppolho conta como tudo aconteceu.

**Como surgiu a ideia de fazer o livro?**

REPPOLHO: Tudo começou em 1981, quando eu entrei para o conjunto do Gilberto Gil. Nesse tempo, tive a oportunidade de viajar para muitos países. A partir de 1985, depois que já tínhamos feito Europa e Estados Unidos, passamos a tocar na América Central, em Porto Rico, Cuba... Em 1987, fomos para a África, (a fim de) tocar no Senegal, na Nigéria. Nas viagens, sempre procurei instrumentos novos e entender a sua história, suas origens. Nos anos 1990, com a Elba Ramalho, toquei em Angola e Cabo Verde. Foi uma grande oportunidade de fazer o meu trabalho de campo. Depois, comecei a estudar a bibliografia existente sobre o assunto, já pensando no livro.

**Você já tinha três décadas de pesquisa. Quando resolveu colocar tudo no papel?**

Eu anotava todas as informações que conseguia nesses lugares, primeiro guardava em disquetes, agora em pen drives. Há alguns anos promovo um workshop sobre instrumentos de percussão e cheguei até a dar palestras em escolas da rede municipal do Rio sobre isso. Foi no ano

passado que o meu produtor, Euclides Amaral, me pilhou para escrever o livro, porque o material que eu tinha era muito bom. Mas ele é totalmente independente. Eu mesmo ligo para as livrarias, distribuo, deixo em consignação. Espero que consiga algum apoio para a segunda edição.

**Você usa esses instrumentos no seu trabalho como músico?**

Tenho algo em torno de 100 instrumentos na minha coleção e incorporei vários deles aos meus trabalhos. A busca é sempre por sonoridades diferentes. Ajudei, inclusive, a introduzi-los na música brasileira. Um deles é o djembê, um tambor originário da África Ocidental, muito importante em países como Mali, Senegal, Burkina Faso, Costa do Marfim e Guiné, que hoje é bem comum. Outro é o batá, um tambor de origem iorubá que foi reinventado pelos cubanos. É muito usado em rituais de santerías (candomblé). Eu trouxe para o Brasil quando toquei lá com o Gil.

**Como tem sido a recepção ao livro?**

Muita gente interessada já me procurou pela internet, e cheguei a enviar exemplares para Estados Unidos e Alemanha. Meu desejo é que ele fique disponível nas escolas para que as pessoas conheçam mais a cultura afro-brasileira. O livro é mais um trabalho entre outros que eu faço, não posso me dedicar apenas à sua distribuição. Agora, por exemplo, estou começando a produzir o meu quinto disco solo.

## A VOLTA DO BOM SAMBISTA

Aos 75 anos, Zuzuca do Salgueiro continua incansável. O cantor e compositor, associado à UBC desde 1967, que entrou para a história da música brasileira com o clássico “Festa para um Rei Negro” (“Pega no Ganzê, Pega no Ganzá”), samba-enredo da Acadêmicos do Salgueiro em 1971, lançou no segundo semestre de 2011 um novo disco solo, “O Bom Sambista”. A obra, inteiramente produzida de maneira independente, reúne clássicos do compositor, como “Boi da Cara Preta”, gravado por Jair Rodrigues na década de 1970, e canções novas como “Gente da Noite”, parceira com Bebeto de São João. Autor de canções de sucesso fora do país, Zuzuca figurou, ano passado, em 11º lugar no **ranking** dos artistas brasileiros com maior arrecadação internacional (confira os 15 primeiros colocados da lista na página 11). Com fôlego de menino, ele promete um CD apenas com músicas inéditas para o fim do ano. Salve Zuzuca!



## BOSSA POP DE MINAS GERAIS

Nos anos 80, ele foi um dos fundadores do grupo Hanói Hanói, dos inesquecíveis **hits** “Totalmente Demais” e “Rádio Blá”. Em 2011, o estilo pop, e sempre **cool**, do mineiro Affonsinho ganhou forma em “Zague e Zeia”, seu sétimo álbum solo de carreira. No disco, o artista manteve a linha “bossa pop”, como define seu estilo, fazendo uma música brasileira bastante original e dividindo os vocais com Mariana Nunes (“Zague e Zeia” e “Olhos do Amor”), Kadu Viana (“Revolex”) e Flávio Henrique (“Cheirinho da Lolove”). Affonsinho, que estudou na prestigiosa escola americana Berklee College of Music, em Boston, foi professor de guitarra de Samuel Rosa, do Skank, e autor do primeiro sucesso da banda do ex-aluno, “Gentil Loucura”.

## TALENTO OCULTO

Prestes a completar 25 anos de carreira como cantor e compositor, César Maurício, líder do Virna Lisi e do Radar Tantã, duas das mais emblemáticas bandas do rock mineiro, também é dono de talentos ocultos. No caso, enterrados. Criador de uma inspirada técnica de xilogravura, que rendeu até uma exposição, mês passado, na Galeria de Arte do BDMG Cultural, em Belo Horizonte, ele usa placas de madeira que encontra pela cidade - em construções, caçambas, serralheiras -, deixa-as ao relento e depois as enterra. As marcas geradas por esse processo nas peças são o ponto de partida para uma série de interferências que ele faz. À sua primeira exibição como artista plástico, Maurício, criador de videoclipes que já lhe renderam o Video Music Brasil, da MTV, levou 20 peças. “Ela me permite olhar para dentro de mim e ser sistemático no trabalho. Era o que buscava. Hoje, o universo digital é urgente, as imagens são preestabelecidas, decodificadas e trazem um brilho. Busquei o contrário”, ele disse em entrevista ao jornal “Estado de Minas”.

## OOOOOPS!

Na última edição, falamos sobre os 20 anos do sucesso “Paz na Cama”, eternizado pela dupla Leandro e Leonardo, mas esquecemos de dizer que a obra é uma parceria de Edson Mello com Laurito José da Silva, mais conhecido pelo nome artístico de Rhael. O compositor, inclusive, foi o primeiro a gravar o **hit**, em 1990, em disco com o parceiro Romário. Rhael deu grande contribuição para a difusão da música sertaneja e teve suas canções gravadas por grandes nomes como Milionário e José Rico, João Mineiro e Marciano, Rick e Renner, Edson e Hudson e Jorge e Mateus.

## BRASIL NOS PRÊMIOS INTERNACIONAIS

A música brasileira, mais uma vez, nos representou em grande estilo na última temporada de premiações internacionais. O ponto máximo foi para Carlinhos Brown, pela indicação de “Real in Rio”, trilha sonora da animação “Rio”, ao Oscar de canção original. Composta por Brown em parceria com Siedah Garrett, Mikael Mutti, John Powell e Sérgio Mendes, a música concorreu com “Man or Muppet”, de Bret McKenzie, tema do filme “Os Muppets”. Até o fechamento desta edição, a entrega dos prêmios ainda não tinha ocorrido, mas torcemos para que o baiano tenha trazido a estatueta para cá. Já no Grammy, a homenagem foi para um dos precursores da bossa nova. O compositor Tom Jobim, cujas músicas fazem sucesso nos Estados Unidos desde a década de 1960, ganhou um prêmio póstumo. Além dele, receberam distinções pelo conjunto da obra os cantores Glen Campbell, George Jones e Diana Ross, bem como o grupo Allman Brothers Band.



## CARRO PARADO É DISCO COMPRADO

A vida de um artista independente não é fácil: conseguir palcos e espaços para mostrar um trabalho autoral é tarefa árdua. André Ayel sabe bem disso. A solução pouco convencional que encontrou para vender “Olhos de Girassóis”, seu primeiro disco, gravado em casa, foi... bater ponto em sinais de trânsito, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O sucesso desse verdadeiro marketing de guerrilha deu a Ayel a oportunidade de gravar o primeiro CD em um estúdio profissional, “Pra Mudar a Direção”, que ele lança agora. A força do seu som, que mistura influências do reggae e do pop, continua presente nas 14 canções. Em julho, ele deve gravar o primeiro DVD, durante apresentação na Lona Cultural de Jacarepaguá, também no Rio. Sinal mais do que verde para a carreira de Ayel.

## ZONA DE DESCONFORTO

**LIRINHA MERGULHA FUNDO NA EXPERIMENTAÇÃO EM DISCO SOLO DE ESTREIA, PRIMEIRO TRABALHO DEPOIS DO FIM DO CORDEL DO FOGO ENCANTADO**

Depois de mais de uma década à frente do incendiário Cordel do Fogo Encantado, o cantor, poeta e compositor Lirinha resolveu trilhar outros caminhos musicais. E, quase dois anos depois da saída, apresenta seu primeiro trabalho solo, "Lira". O disco continua trazendo a marca da inventividade e conta com a participação de convidados bastante variados, de Fernando Catatau, do Cidadão Instigado, a Angela Ro Ro, um ídolo da sua infância. Em entrevista à Revista da UBC, Lirinha fala sobre os motivos de sua saída do conjunto e explica os caminhos desta nova incursão.

**Desde o fim do Cordel do Fogo Encantado, passou-se mais de um ano até o lançamento desse CD. Ele foi uma das motivações da sua saída?**

LIRINHA: O disco em si não influenciou a minha saída, mas sim a ideia que eu tinha de abertura maior para recursos harmônicos. Queria fazer um trabalho com mais possibilidades de melodia e harmonia, uma ampliação da instrumentação. A saída não foi por desgaste ou desentendimento, mas se deveu a razões estéticas. Passei um ano e meio elaborando esse trabalho e gostei muito do resultado final.

**Quais sonoridades o influenciaram nesse novo trabalho?**

A influência, muitas vezes, não é imediata, mas poderia citar referências mais presentes como a psicodelia nordestina de Lula Côrtes. O som do Naná Vasconcelos também é muito marcante para mim. Na parte de bateria, há uma influência do Velvet Underground, porque usamos uma bateria em pé, parecida com a que eles usavam. Além de poetas da minha cidade, Arcoverde (PE).

**Você precisou montar um time de músicos novo para o disco. Como foi essa escalção?**

A banda foi uma escolha pensada durante muito tempo. Era um desejo meu trabalhar com esses músicos, e eles formaram um núcleo presente em todas as músicas: Neilton, Bactéria e Pupilo. O Neilton é guitarrista de um grupo de punk hardcore pernambucano, Devotos, e nunca tinha feito nada fora dessa área. Mas eu sempre admirei o som dele e acreditava que traria uma sonoridade diferente, que era o que eu buscava. O Bactéria é tecladista e fez parte do Mundo Livre S/A no início da banda. Ele gravou todos os baixos do disco, usamos muito sintetizadores para isso. Além de órgãos e pianos nas músicas também. E o Pupilo topou tocar um set de *stand-up drums* (bateria em pé), como chamamos, que ele nunca tinha experimentado. Eles foram muito importantes, ficaram no estúdio o tempo todo e criaram os arranjos comigo.

**Parece que você quis realmente tirar todo mundo da zona de conforto...**

Eu queria um som diferente, curto essa estranheza na sonoridade, o objetivo era exatamente esse, e por isso cada um fez, no disco, coisas que nunca tinha feito antes. É usar o desconforto para extrair uma novidade. Isso aconteceu também com alguns convidados. O Catatau (do Cidadão Instigado), que é guitarrista, faz uma participação tocando violão, por exemplo.

## A VOZ DELA CONTINUA A MESMA. JÁ O ESTILO...

O desafio era grande. "Não se tratava de relembrar o passado, mas de produzir uma peça atual que estivesse à altura dele", definiu Caetano Veloso. Objetivo alcançado. "Recanto", novo álbum de Gal Costa, que o baiano compôs e produziu para reviver com ela a histórica parceria, chegou ao mercado no fim do ano passado coalhado de elogios: é instigante e provocador. Em sua contínua busca por experimentações – sonoridades latinas, rock, agora música eletrônica e funk –, Caetano criou um conjunto de músicas que dialogam fortemente com sua tradição iconoclasta e com sabor contemporâneo. Nas onze faixas, grande parte arranjada ou programada por Kassin, há espaço até para funk carioca (em "Miami Maculele"), e a voz de Gal interage belamente com as batidas dos sintetizadores. Mas não é música para dançar necessariamente. Há momentos contemplativos e de relaxamento – como num bom *long set* de um DJ. Caetano agora vai produzir a turnê, que deve estreiar ainda neste semestre, e promete tratamento eletrônico a antigos sucessos, como "Vapor Barato".

## O TROVADOR DOS PAMPAS

Poucos cantaram a vida nos pampas do Rio Grande do Sul como Jairo "Lambari" Fernandes. Em seu terceiro disco solo, "Cena de Campo", ele se mantém fiel às raízes rurais com uma música romântica original nos temas regionais, em canções como "Por Bendizer-te" e "Enserenada". Como definiu o padre Fábio de Melo na apresentação do CD, "nas dissonâncias de suas urdiduras musicais, ele rendilha palavras bonitas pelo meu caminho e enserena, com as cenas de seus campos, a cena dos meus dias". No álbum, há uma participação mais do que especial de Sérgio Reis.

## PARA SEMPRE MENINAS DE SINHÁ

Responsáveis por manter viva parte importante da tradição oral brasileira, as Meninas de Sinhá têm idade média de 70 anos, mas continuam joviais. O grupo surgiu em 1989, em Belo Horizonte, com o objetivo de recuperar cantigas de roda e de ninar. Inicialmente, o repertório veio da memória das integrantes, que ensinavam as músicas umas às outras. Depois do primeiro disco, em 2006, elas lançaram, em novembro passado, um álbum duplo, que também traz canções inéditas. A gravação é um registro importante de músicas quase esquecidas.

## NOVIDADES INTERNACIONAIS

### ESTADOS UNIDOS REÇUAM NA REGULAMENTAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Dois projetos de lei que tramitavam no Congresso americano visando a regulamentar os direitos autorais na internet, o Sopa (Stop Piracy Online Act) e o Pipa (Protect IP Act), ganharam as primeiras páginas de meios do mundo inteiro às vésperas de serem votados, em janeiro. As iniciativas colocaram em lados opostos gigantes como Google e Facebook e os detentores de direito autoral. As normativas puniriam os *sites* pelos quais qualquer tipo de material protegido por direitos autorais fosse veiculado ilegalmente. Ou seja, em tese, redes sociais (Facebook, Orkut), microblogs como o Twitter e plataformas de compartilhamento como o agora proscrito Megaupload ou o ainda ativo 4shared poderiam ser tirados do ar caso algum dos seus usuários compartilhasse conteúdo protegido. Mais: os responsáveis diretos pelos *sites* poderiam ser processados e presos. Em meio à polêmica, portais como o Wikipedia suspenderam por 24 horas suas atividades em protesto contra "o cerceamento da liberdade de expressão", e grupos de *hackers* chegaram a atacar e derrubar os sistemas do Departamento (Ministério) de Justiça americano, de *majors* como a Sony e até do FBI, o escritório central de investigações do governo dos Estados Unidos. Diante da enorme pressão, o Senado e a Câmara anunciaram, no dia 20/1, o adiamento da votação.

### A DESPEITO DE ATAQUES DE GRUPOS DE HACKERS, ESPANHA APROVA NOVA LEGISLAÇÃO ANTIPIRATARIA

Enquanto os Estados Unidos recuam na sua proposta de regulamentação de direitos autorais na rede, o novo governo espanhol, a cargo de Mariano Rajoy, aprovou por ampla vantagem no Congresso de Deputados a chamada "Lei Sinde", que permitirá fechar *sites* que promovam o *download* ilegal de conteúdo protegido por direitos autorais. A exemplo do que propunham as normativas americanas, o alvo principal da nova lei, ainda a ser regulamentada, não são os consumidores, mas os *sites* que permitem o compartilhamento de arquivos ilegalmente. Diante de pressões da sociedade civil, a medida não foi implementada pelo primeiro-ministro anterior. Num desafio aos parlamentares, o grupo de *hackers* transnacional Anonymous divulgou na rede dados bancários e pessoais de apoiadores da "Lei Sinde".

### NA SUÉCIA, COMPARTILHAMENTO LIVRE VIRA ATÉ RELIGIÃO

No país que deu ao mundo o Partido Pirata, uma organização política que prega a circulação irrestrita de produtos artísticos sem o recolhimento de direitos autorais - e que já ocupa assentos nos parlamentos de países como Noruega e Alemanha, bem como no Parlamento Europeu -, a novidade é a livre circulação... de senhas do Twitter oficial. Qualquer cidadão sueco pode se habilitar a gerenciar a conta do governo no microblog, no intuito, segundo fontes oficiais, de promover a diversidade de visões sobre o *modus vivendi* do país. A Agência Federal de Serviços Administrativos também anunciou, no início de dezembro, o reconhecimento do chamado Kopimismo como uma religião. Seus adeptos têm como máximo dogma a difusão de conteúdos na rede sem qualquer pagamento aos autores e consideram a proteção ao direito do autor a máxima das heresias. Diante da repercussão da nova "religião", o governo sueco se apressou em esclarecer que não apoia qualquer corrente antidireitos autorais, mas alega entender que a sociedade "precisa estar pronta para discutir a questão".

### ENQUANTO ISSO, O MUNDO DISCUTE UMA AÇÃO GLOBAL CONTRA A PIRATARIA

A Europa capitaneia as discussões sobre uma norma global de defesa dos direitos autorais. O Acta (Acordo de Comércio Anticontrafação, na sigla em inglês) emergiu no fórum mundial sobre o tema concomitantemente a tratados como Sopa e Pipa. A proposta do documento é unificar as posições de grandes economias. Datado de outubro do ano passado, o texto foi assinado por Austrália, Canadá, Japão, Marrocos, Nova Zelândia, Cingapura, Coreia do Sul, México e Estados Unidos, além de 22 dos 25 países da União Europeia. A ideia dos países firmantes seria submeter o tratado às Nações Unidas com efeito vinculante. Porém, caberia aos parlamentos nacionais regulamentar as novas leis para coibir a pirataria.

## "É MUITO BREVE E INTENSA A PASSAGEM DE ALGUNS ARTISTAS PELA VIDA"

**WALTER CARVALHO FALA SOBRE O DOCUMENTÁRIO "RAUL SEIXAS - O INÍCIO, O FIM E O MEIO", ODE AO GÊNIO BAIANO CUJA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DUROU APENAS 17 ANOS, MAS QUE DEIXOU UM INDISCUTÍVEL LEGADO PARA A MÚSICA BRASILEIRA**

Por Cláudia Alves, do Rio \* Foto de divulgação

Diretor de “Raul Seixas – O Início, o Fim e o Meio”, que estreia no próximo dia 23 de março nos cinemas, Walter Carvalho conta em entrevista à Revista da UBC como foi fazer o filme, que ganhou dois prêmios na Mostra Internacional de São Paulo, o da escolha do público e o de melhor documentário. Entre histórias e curiosidades de bastidores, está o fato de que um quarto do orçamento do filme foi usado para o pagamento de direitos autorais. Ao longo da investigação sobre Raul Seixas (1945-1989), a parada na casa de Paulo Coelho, na Suíça, mostrou um escritor bem-humorado, que brincou com uma mosca que voava durante o bate-papo, chamando-a de Raul. Walter ouviu também as ex-mulheres do baiano (menos uma das cinco, que só concordou em participar por carta), as filhas e outras pessoas que conviveram com ele, todas testemunhas de uma parte fundamental da história da música brasileira. Nem sequer personagens pitorescos como um *cover* que perdeu a mulher por dar nome e sobrenome do ídolo ao filho ficaram de fora. Em meio ao impressionante número de 94 entrevistas, Walter Carvalho achou referências como Elvis Presley e o ocultista Aleister Crowley e percebeu que Raul era, acima de tudo, um libertário. O diretor fala ainda sobre novas tecnologias e os equívocos cometidos em nome do mundo digital. Walter – que costuma dizer que Raul o escolheu, porque foi convidado para dirigir o projeto – conta ainda que ouviu de um fã, sobre o longa, uma frase enigmática, mas que lhe bastou: “O seu filme mexeu com a minha metafísica”.

**Conforme chegou a ser dito, você teve dificuldades com direitos autorais para fazer o filme?**

WALTER CARVALHO: Não tive dificuldades, não é bem essa a palavra. É que encarece muito o projeto. No nosso caso, 25% ou mais do orçamento foram para pagamento de direitos autorais. É complexo porque você não paga só o direito autoral, tem que pagar ao selo, ao autor, ao herdeiro,

à gravadora, à orquestra, a quem gravou... Se você tem uma ou duas músicas, é caro, mas são uma ou duas músicas. No “Raul”, são mais de 30. E também internacionais: tem Elvis, tem imagens... É uma quantia significativa, mas tudo foi pago.

**Qual o orçamento do filme?**

São 2 milhões e meio de reais.

**Quanto tempo você levou para fazer o filme?**

De filmagens, foi um ano. Na Bahia, entrevistamos parentes e amigos, reconstituindo a infância do Raul. Em São Paulo, foram duas etapas. No Rio, três etapas. Houve também filmagens na Suíça, onde foi a conversa com Paulo Coelho, e nos Estados Unidos, onde falamos com as ex-mulheres, filhas, herdeiras... Mas o que mais demorou foi a edição: um ano e seis meses, trabalhando seis, sete, oito horas por dia.

**Isso aconteceu porque vocês tinham muito material?**

Nós fizemos 94 entrevistas, o que não é o normal, e tínhamos um material de arquivo muito extenso. Traçamos uma genealogia da trajetória da vida privada e da vida pública do Raul. A narrativa da vida privada é cronológica, e a da vida pública é fragmentada.

**Numa montagem ao longo de todo esse tempo, com muito material e essa opção de trabalhar com os dois planos diferentes, não acontece de você ter medo de se perder?**

Às vezes você vai pra casa e é um momento muito solitário.

**Você não mostra nem ao seu irmão (Vladimir Carvalho, que também dirigiu um documentário sobre o mesmo universo retratado no filme sobre Raul, “Rock Brasília — Era de Ouro”, de 2011)? Não pede a opinião de ninguém?**

Às vezes, mostro. O meu irmão é 12 anos mais velho do que eu e o responsável por eu ter entrado para o cinema. Mas acho que, se eu ouvir as pessoas, vou ficar confuso. Prefiro ir pelo caminho que eu vou descobrindo, encontrar o que é bom para mim. E mostrar para os outros depois de pronto. E o filme não termina, você se despede dele.

**E como você lida com a recepção do público?**

Nós exibimos três vezes o “Raul”: no Festival do Rio, na Mostra de São Paulo e na Paraíba, no Fest Aruanda. E teve uma frase que um fã do Raul me disse que eu achei incrível: “O seu filme mexeu com a minha metafísica”.

**O que ele queria dizer com isso?**

Eu não entendi, não perguntei, mas achei uma obra-prima, antológica.

**Durante as filmagens, também aconteceram casos engraçados ou curiosos?**

Sim, vários estão no filme. Um momento foi na entrevista com Paulo Coelho, em que apareceu uma mosca que ficou por ali. O Paulo Coelho disse: “É o Raul”.

**Ele inicialmente concordou em falar 45 minutos com vocês, mas acabou se estendendo muito mais, não foi?**

Foi. Quando chegamos, ele disse que a nossa conversa teria que ter 45 minutos, que é o tempo que ele costuma dar. Mas nós falamos que 45 minutos era pouco tempo para falar do Raul, e ele acabou falando por duas horas e 15 minutos, foi muito generoso. Aliás, todos foram.

**Quando você era ainda um garoto, na Paraíba, o filme “Balada sangrenta” (1958), com Elvis Presley, que faz parte de “Raul – O Início, o Fim e o Meio”, foi importante para você. De certa forma, o seu longa tem relação com isso e o filme de Elvis é uma interseção entre você e o Raul?**

“Balada Sangrenta” tem a ver com o fato de eu fazer “Raul” com certeza, só que eu não sabia disso. Eu sou da geração do Raul, ele era dois anos mais velho do que eu. Eu vi o filme no Cine Santo Antônio, várias vezes. E ele viu também, só que 20 vezes. Ele entrava no cinema e ficava direto, assistindo a várias sessões. Eu imitava o Elvis, tinha todos os discos, eu teria sido roqueiro, não fui porque não tenho a menor aptidão musical. E não imaginava que eu ia falar de “Balada sangrenta” fazendo o filme sobre Raul. Este é um ponto em comum entre o artista e quem o investiga, é uma das chaves que abrem e fecham as gavetas do filme.

**Que gavetas tem o filme?**

A primeira mulher do Raul não quis falar. Ela era americana, se casou de novo, disse que deixou aquilo no passado: ela foi abandonada pelo Raul, com uma filha pequena. Mas eu pedi, e ela então escreveu uma carta.

**Você ouviu quantas ex-mulheres?**

Ele não se casou com todas, mas são cinco ex-mulheres e três filhas.

**Em todo o processo, o que, sobre Raul Seixas, sobressai?**

Ele teve uma carreira meteórica e absolutamente bem-sucedida. O sucesso começou em 1972, com “Let me Sing, Let me Sing”, e ele morreu em 1989. Foram só 17 anos, mas com quase 100 sucessos, muitos até hoje! E, desses 17 anos, nos últimos quatro anos de vida ele não fez nada. É muito breve e intensa a passagem de alguns artistas pela vida, como ele, Torquato Neto, Cazuzza, Paulo Leminski... O que também se destaca sobre o Raul é a irreverência, ele era um espírito libertário, ao mesmo tempo era um humanista.

**E o ocultista britânico Aleister Crowley (1875-1947), como você abordou?**

Foi surpreendente para mim saber da importância dele para Paulo Coelho e Raul. Aleister Crowley é uma das pessoas que aparecem na capa de “Sgt. Peppers's”, o disco dos Beatles. No filme, Euclides Lacerda, que já morreu, mas estava vivo na época das filmagens e deu depoimento, explica a história. Euclides era membro da O.T.O. (ordem que tinha Crowley como um dos líderes e da qual Paulo Coelho fazia parte).

**A “Sociedade Alternativa” de Raul vem daí.**

Sim, Raul foi uma espécie de porta-voz dessas ideias com suas letras. Mas ele se afastou do pensamento de Aleister Crowley quando se desentendeu com Paulo Coelho.

**Quem mais dá depoimento no filme?**

O maluco beleza Cláudio Roberto (parceiro de Raul na música “Maluco Beleza”), que hoje cria galos no interior do Rio, o cunhado de Raul, Jay Vaquer...

**O filho dele, também músico e com o mesmo nome do pai, já disse que cheiro de maconha lembra sua infância, porque era o aroma da casa que Jay Vaquer dividia com Raul Seixas.**

Mas o Raul nem era muito de maconha.

**E os outros depoimentos?**

Tem o Olival, um amigo de infância do Raul, de Salvador, da época em que ele via “Balada Sangrenta”. Tem o (André) Midani; o (Roberto) Menescal; o Caetano (Veloso); o Pedro Bial, por causa de uma entrevista que fez com Raul; o maestro Júlio Medaglia, que era o presidente do júri do Festival da Canção em 1972, quando Raul apresentou “Let me Sing, Let me Sing”; Sylvio Passos, o presidente do fã-club Raul Rock Clube (de 1981), que vive disso até hoje. Tem também o Pena Seixas, cover do Raul que tem um filho chamado Raul Seixas. A mulher se separou dele porque não

queria que o filho tivesse nome e sobrenome do Raul. Tem também depoimento de Plínio Seixas, irmão dois anos mais velho do que Raul.

**Você falou em 2 milhões e meio de reais de orçamento. É alto para os padrões a que estamos acostumados, não? Para um documentário, é acima da média. Mas o cinema é uma atividade cara. Depende de uma tecnologia de alto custo.**

**E o cinema de baixo custo que se faz hoje com as novas tecnologias?**

As novas tecnologias são ótimas para muita coisa, o problema é o uso inadequado que muitas vezes se faz delas. Às vezes, há uma pseudocriatividade, que não se realiza. Para mim, ela é uma ferramenta. Eu me preocupo é com a linguagem.

**E a tecnologia 3-D, não influencia o resultado mais do que apenas se limitar à função de ferramenta a serviço da linguagem?**

Eu chamo aquilo que vemos em “Avatar”, por exemplo, de pós-cinema. A existência daquele universo faz parte do entretenimento, está longe do processo artístico. Não me debruço sobre esses filmes como me debruço sobre um filme de Bergman.

**Há quem diga que o 3-D tomará conta do mercado. Depois dos blockbusters, a tecnologia ganhou adeptos como Wim Wenders, Martin Scorsese e Francis Ford Coppola, nomes respeitados do chamado cinema de arte.**

Eu ficaria muito triste se daqui para a frente os filmes só fossem feitos em 3-D. Não conheço ainda trabalhos autorais em 3-D. O que vejo são produtos para a massificação, não filmes. Não tenho a menor simpatia. Prefiro Marcelo Gomes (“Cinema, Aspirinas e Urubus”, de 2005), Walter Salles... Acho que o 3-D dessacraliza a linguagem daquele momento, dessacralizaria o que Glauber fez, por exemplo. Eu ficaria muito triste se “O Sétimo Selo” fosse em 3-D, se “Deus e o Diabo na Terra do Sol” fosse em 3-D. Mas, ao mesmo tempo, tenho curiosidade para ver o que acontece nesse segmento, que espero que não substitua a película. Eu acho que os suportes que surgem não devem eliminar os anteriores.

**Você, como fógrafo, viu isso acontecer nessa área...**

O cinema nasceu de uma descoberta científica. Foi se modificando ao longo de mais de 100 anos: houve o som, a cor, o cinemascope, o technicolor, o 3-D que surgiu no passado. O digital é mais uma etapa, talvez a mais radical, que, com seus *softwares* e *hardwares*, gerou mudanças nas artes, nas ciências, no dia a dia que vivemos. Daqui a pouco haverá outra.

**Existem diretores que gostariam de filmar em cinemascope, mas farão seus filmes em digital por causa do orçamento.**

A ideia de que o digital é barato pode ser um mito em alguns casos. Fiz um filme que o diretor ia rodar em digital por causa dessa ideia, mas eu mostrei para ele na ponta do lápis que ia ficar mais barato filmar em película. O aluguel da câmera que ele queria usar e o processo de transpor para película depois ia ficar mais caro. É uma questão de adequação. O digital traz uma facilidade aparente, levando a equívocos. Em película, você pensa mais no que vai fazer com a câmera. No digital, as pessoas tendem a fazer mais opções para escolher depois. A captação da imagem em película é soberana ainda, não tem outro meio que reproduza melhor o objeto, em profundidade, volume, brilho e textura. Já, na pós-produção, o digital avançou muito. Mas não se assuste com as voltas que o mundo dá. Estamos vendo a volta dos LPs, das bolachas, do acústico, há pessoas comprando vitrolas. O mundo dá voltas. 

# FÔLEGO PARA UM LONGO CAMINHO

**ENQUANTO COLHE ELOGIOS PELO ÁLBUM DE ESTREIA, "FÔLEGO", O GAÚCHO FILIPE CATTO, DE 23 ANOS, MOSTRA QUE A MATURIDADE VAI ALÉM DAS SUAS LETRAS RECHEADAS DE REFERÊNCIAS LITERÁRIAS**

Por André Bezerra, do Rio \* Foto de divulgação

Filipe Catto é um artista que não passa despercebido no cenário pop atual. Primeiro, chama a atenção com sua voz marcante e única de contratenor, capaz de agudos comparáveis aos de ícones como Ney Matogrosso. Além de talento e verve, é dono de um estilo dramático e intenso, seja cantando blues, rocks, boleros ou sambas-canções que refletem um universo sofisticado e cheio de referências na literatura e no cinema.

Tudo isso, com só 21 anos de idade, alçou o cantor e compositor gaúcho a uma posição de destaque entre sua geração, ainda em 2009, tornando-o uma grande aposta do mercado fonográfico. Seu álbum "Fôlego" (2011), lançado pela Universal Music, tem recebido consideráveis aplausos, e uma de suas canções foi incluída na trilha sonora da telenovela "Cordel Encantado", da TV Globo, dividindo espaço com nomes do quilate de Gilberto Gil e Zé Ramalho.

O sucesso parece não assustar o jovem cantor, hoje com 23 anos. Nascido em Lajeado e criado em Porto Alegre em meio a um ambiente artístico, ele teve desde cedo, em casa, as bases para administrar bem a carreira. "Eu sempre quis ser músico, desde criança. Sempre foi minha primeira opção. Me formei em Design, mas foi por hobby, porque eu adoro essas coisas, mas a música sempre foi a meta. Nunca deixei de tocar, desde que tinha uns 12 anos de idade", conta.

No início da carreira, acompanhou o pai – também músico – por bailes e festas de sua cidade, até que, em 2009, decidiu gravar um trabalho solo, o EP "Saga", lançado gratuitamente na internet. O resultado agradou, e pouco a pouco foram aparecendo vídeos de fãs na rede, gravados em seus shows. "Eu acho uma bênção, porque joguei a parada no ar, e colou. Ninguém empurrou nada goela abaixo do público, todo esse movimento foi natural, então significa uma solidez maior. Eu faço música para o público, e me encanta saber que ele próprio se encarrega de passar esse som adiante", enfatiza.

Nos palcos, Filipe deixa transparecer um ar ao mesmo tempo rebelde e elegante. Seu universo lírico é denso, fruto da admiração por escritores como Hilda Hilst e Caio Fernando Abreu. "Se eu soubesse que amor é coisa aguda / que tão brutal percorre início, meio e fim / destrincha a alma, corta fundo na espinha / inebria a garganta, fere a quem quiser ferir", dizem versos de sua canção mais conhecida, Saga, carro-chefe do álbum de estreia.

**Suas letras e sua sonoridade são bem dramáticas e refletem referências diferentes das da maioria dos jovens de sua geração. De onde vem esse universo?**

FILIPE CATTO: Da minha criação, da minha experiência pessoal, das coisas que eu sempre ouvi e de que me alimentei. Eu gosto de intérpretes, de boas letras, de artistas que se jogam na sua música. Essa postura sempre foi uma referência muito além da sonoridade ou do estilo de cada um.

**Em entrevistas, você já citou artistas como PJ Harvey, Portishead, Antony, que são ícones alternativos. Você se considera um músico indie?**

Eu me considero um músico que gosta de boa música. Isso tudo é maravilhoso, eu sempre ouvi a PJ Harvey e sempre ouvi a (Maria) Bethania. Eu não gosto dessa classificação porque acho boba e equivocada. Não sou indie, eu sou o que sou, sou músico, sou intérprete, sou compositor... Sou tudo isso muito antes de ser indie ou não indie.

**Seu som agrada a um público bem diverso. Como é seu relacionamento com os fãs?**

Temos uma relação respeitossíssima. Eu acho que tem de haver um respeito de ambas as partes. Meu contato é no palco, nas redes sociais eu faço apenas as divulgações que levam o público a me ver no show, porque é ali que toda a generosidade e o calor se dão. Eu quero me revelar, olhar no olho de cada um... Mas em cima do palco, porque no dia a dia eu preciso me nutrir da realidade nua e crua para que isso se legitime.

**Em seu disco, há composições como "Ave de Prata", de Zé Ramalho, e de outros compositores. Como se deu a escolha do repertório?**

Eu gosto do que me emociona. Não adianta, tem coisas lindas que chegam, e que ficariam lindas musicalmente, mas, se não há uma necessidade emocional de aquilo ser cantado, eu não consigo. Eu gosto desse vínculo com a canção, porque eu estou ali para me emocionar, em primeiro lugar, antes de pensar em entreter. Mas a escolha do disco se deu de uma forma muito orgânica, porque eu já vinha cantando essas músicas nos shows. E, quando foi a hora de escolher o repertório, foi muito claro que ele tinha de ser um retrato fiel do presente que eu estava vivendo. Esse presente era o palco, era o show. 

## FIQUE DE OLHO

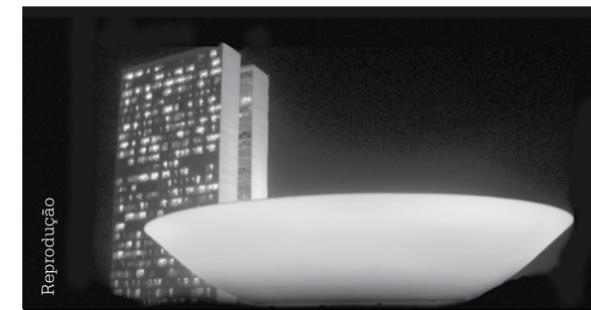


### 70 ANOS E ENXUTÍSSIMA

Este é um ano de festa para a UBC, que comemora sete décadas de defesa dos direitos autorais. Para marcar uma data tão importante, lançamos uma logomarca comemorativa e ganharemos até mesmo um selo personalizado dos Correios. Ao longo dos próximos meses, vamos resgatar momentos importantes de uma luta cheia de obstáculos, mas bem-sucedida pela arrecadação dos nossos direitos. Fique ligado aqui na revista, no nosso [site](http://ubc.org.br) (ubc.org.br) e no Facebook (facebook.com/UBCMusica) e faça parte desta festa.

### TV POR ASSINATURA É OBRIGADA A PAGAR DIREITOS AUTORAIS NA JUSTIÇA

O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro deu ganho de causa ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) em ação movida pela DirecTV serviço de TV por assinatura, na qual a operadora questionava o valor a ser pago pela execução pública de músicas na sua programação. A sentença havia sido favorável ao Ecad obrigando a DirecTV a realizar o depósito mensal, ao menos, da quantia de R\$ 0,88 por assinante, até o fim do processo, e julgou procedente o pagamento pela empresa de TV por assinatura correspondente a 2,55% a ser calculado sobre o faturamento bruto, desde janeiro de 2005, bem como o pagamento de prestações não vencidas. A operadora recorreu, e, em novembro passado, o TJ referendou a decisão original por entender ser inadmissível que a TV por assinatura utilize obras musicais sem a devida retribuição aos titulares.



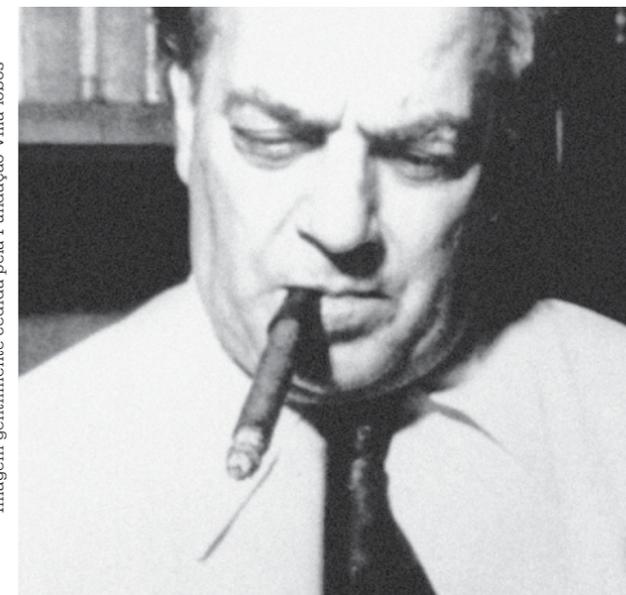
### PEC DA MÚSICA É APROVADA NA CÂMARA

A Câmara dos Deputados aprovou em dezembro, em segundo turno, uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que prevê uma redução de impostos para produções fonográficas (CDs e DVDs) nacionais. A chamada PEC da Música deve baixar em pelo menos 20% a incidência de tributos como ICMS e ISS. Embora tenha contado com o apoio de 393 deputados - seis votaram contra e um se absteve -, o projeto, que ainda irá a votação no Senado, enfrentou resistência de parlamentares do Amazonas. Eles temiam que, com o barateamento da produção em todo o território nacional, as vantagens econômicas da impressão de discos na Zona Franca de Manaus perdessem força. Apesar de não prever isenções diretamente para os compositores, a PEC foi comemorada por parte da classe artística, na medida em que deverá baratear significativamente o processo de distribuição de músicas gravadas. De acordo com o autor do projeto, Otávio Leite (PSDB-RJ), a imunidade tributária também se aplicará à distribuição em meios digitais.

### OS 15+

Como a gente já contou lá na página 4, Zuzuca do Salgueiro foi um dos maiores arrecadadores no exterior, ano passado. Mas ele não está só. Um montão de bambas fizeram companhia a Zuzuca e, ao recolher direitos de execução em diversos países, provam que a música brasileira não tem mesmo fronteiras. Confira o **ranking** com os 15 "campeões" de arrecadação em 2011. E, na próxima edição, conheça a lista nacional.

- 1º Heitor Villa-Lobos
- 2º Marco Antonio Guimarães (do grupo Uakti)
- 3º Luiz Schiavon (autor de "Tormento D'Amore" abertura da novela "Terra Nostra")
- 4º Antonio Scarpellini (autor de "Tormento D'Amore" abertura da novela "Terra Nostra")
- 5º Pedro Barezzi (autor de "Tormento D'Amore" abertura da novela "Terra Nostra")
- 6º Milton Nascimento
- 7º Adriano Cintra (ex-integrante do Cansei de Ser Sexy)
- 8º Fernando Brant
- 9º Claudio da Matta
- 10º Luísa Lovefoxxx (do Cansei de Ser Sexy)
- 11º Zuzuca do Salgueiro
- 12º Herbert Vianna
- 13º Antonio de Padua
- 14º Arnaldo Antunes
- 15º Marisa Monte



# SENHOR DO TEMPO

**NO ANO EM QUE COMEMORA QUATRO DÉCADAS DE CARREIRA FONOGRAFICA, ALCEU VALENÇA DESCARTA AUTO-HOMENAGENS, MAS FALA COM DEVOÇÃO E RESPEITO DE OUTRO CALENDÁRIO: O DAS GRANDES FESTAS POPULARES PERNAMBUCANAS QUE, COM SUA MÚSICA, AJUDOU A IMORTALIZAR**

**Por Bruno Albertim, do Recife**

\* Fotos de Beto Figueiroa/ SantoLima

Não peçam a Alceu Valença para cantar um xote ou um rock agreste em fevereiro. Este jovem senhor de 65 anos, madeixas brancas, vigor e verborragia admiráveis não abrirá a boca. "Sou um cantor que respeita calendários", explica. "No São João, não vou cantar *jamé* 'Tesoura do Desejo'... Quando chega o carnaval, só canto o carnaval, nada mais", continua. "Mas janeiro é livre. No teatro, sou uma outra pessoa... Em janeiro, eu canto qualquer coisa", arremata, rompendo o raciocínio com uma de suas risadas rápidas e sincopadas.

Como parte orgânica dos grandes festejos de seu Pernambuco natal, Alceu se entrega com igual furor aos eventos dionisíaco-populares de fevereiro e junho, no carnaval e no São João. Personagem de primeira hora da folia pernambucana, Alceu não é apenas parte dela, mas uma de suas fontes. "Frevo da Lua", parceria dele com Gabriel Moura, Mauricio Oliveira e disponível no *site* [www.alceuvalenca.com.br](http://www.alceuvalenca.com.br), é apenas a última das suas dezenas composições do gênero. Alceu pavimentou e pavimenta comportamentos da folia. Mais que compositor, é um criador de arquétipos, que ajuda a moldar o comportamento do folião por aqui.

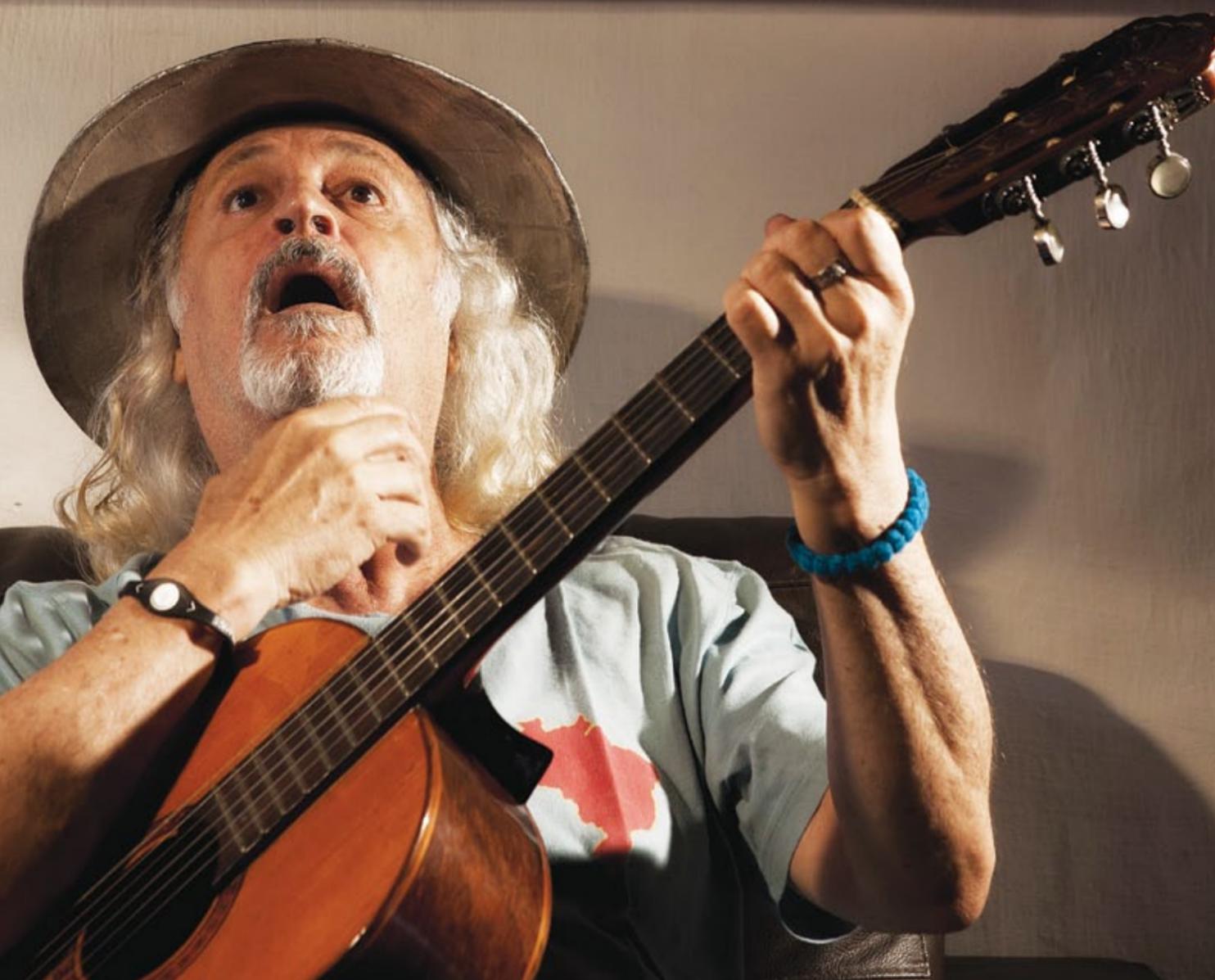
Não há grupo de marmanjos que passe sob um dos balcões centenários do casario de Olinda enfeitado por uma vistosa loura que não entoe, imediatamente, os versos de "Diabo Louro", frevo-chiclete composto por José Michilis e eternizado na voz de Alceu. O tempo dirá: muito provavelmente, daqui a cem anos, as canções carnavalescas que ele compôs ou gravou estarão impregnadas no imaginário coletivo a ponto de serem cantadas como se fossem de domínio público. E serão. Alceu é indissociavelmente ligado à evolução do carnaval pernambucano.

Além dos palcos abertos, sua figura é presença constante no balcão do sobrado de três andares onde vive na Rua do São Bento, coração carnavalesco da Olinda velha. De microfone na mão, surpreende quem passa entre um bloco e outro. Mas tudo isso não quer dizer que tenha se tornado (apenas) um colossal menestrel das retretas gigantescas de seu tempo. Ao contrário.

Um dos compositores de maior envergadura rítmica da música brasileira contemporânea, Alceu é apenas múltiplo. Condensa das tradições mais remotamente ibéricas do Nordeste ao pop eletrificado, funde distorções e evoés. Antes, muito antes de Chico Science fincar sua antena no mangue, Alceu já misturava maracatus, loas, frevos e guitarras. Desmatou a capoeira para o que hoje chamamos, genericamente, de música pop pernambucana (MPP). Como gosta de dizer, nada existe sem que algo tenha havido. Mesmo se não assumido, é patrono de todo mundo que transita entre baixos e alfaias nesta terra essencialmente musical.

"Sou um cantor eclético, múltiplo, talvez um dos maiores do Brasil em multiplicidade. Se quiser um disco de forró, eu tenho; um disco de frevo, um disco de uma linguagem rock, eu tenho. Quer dizer, rock que não é rock", define, em referência a clássicos como "Vivo" e "Espelho Cristalino". "Se você quer um disco urbano, tenho '7 Desejos', além de discos múltiplos, como o 'Estação da Luz'". Embora dispares, são álbuns unidos pela sonoridade agalopada, cordelista, tão marcantemente valençana.

O decantado rock que ele uniu ao baião, aliás, entrou por osmose. "Nunca ouvi um disco inteiro do Led Zeppelin. Fui, já muito tarde, porque nunca tinha ido, a um show dos Rolling Stones. Fui ver Amy Winehouse (quando ela se apresentou em Olinda, pouco antes de morrer) porque a mulher era um estouro. Num mundo de tanta mentira, ela veio



com verdade”, aquiesce Alceu, um preguiçoso confesso para frequentar shows. “Só gosto de ver shows sentado”, admite.

De família com tradição na carreira jurídica, não teve sequer radiola em casa, quando menino. “Meu pai sempre privilegiou a formação literária”, lembra. O rock teve que ouvir nos bares do Recife e de Olinda. Já o frevo, este curiosamente demorou a entrar na vida de Alceu. Como um micróbio, o contaminou para sempre desde que participou do projeto “Asas da América”, nos anos 80, depois de ser escalado para, ao lado de outras estrelas da MPB, reabilitar o ritmo àquele tempo esquecido. “Antes, eu achava que eu não entrava no beat do frevo”.

Entrou e o marcou profundamente. A prova é que, mês passado, nosso papagaio do futuro ocupou o epicentro da folia recifense. De palco em palco, da janela de casa, nas ruas, incorporou um Dom Quixote da música, alegoria da cultura local contra “o moinho dos jabás e cartéis”. “Minhas canções demoram cinco anos para pegar, por causa das rádios”. Os velhos cartéis, diz, o preocupam mais do que a circulação gratuita de músicas na internet. “Aliás, tenho convicção de que os shows, as apresentações ao vivo, serão o meio de sobrevivência dos artistas. A indústria do disco está em ruínas”, constata o artista, que, independente, briga para ter direito jurídico a fonogramas seus, hoje propriedade de grandes gravadoras e editoras.

Na sexta-feira, 17 de fevereiro, a abertura do carnaval do Recife assistiu a um grande concerto em sua homenagem. No elenco: Lenine, Ney Matogrosso, Otto, Karina Buhr, Lirinha, Seu Jorge e Criolo. Todos sob a direção de Pupilo, da Nação Zumbi, um dos mais profícuos produtores de sua geração. Diante de uma multidão quase oceânica, o show aconteceu no Marco Zero, epicentro da folia do Recife.

Foi só o primeiro de importantes eventos que vão marcar este ano em que Alceu completa 40 anos de carreira. Para homenagear o centenário de nascimento de Luiz Gonzaga, ele lança um DVD-tributo. Mas não se apresse em buscar referências óbvias, do tipo criador-criatura. Alceu se antecipa e define o Velho Lua como uma entre várias influências. Num certo sentido, ambos são feitos da mesma matéria. “Sou um cara de São Bento de Una. Ouvia os emboladores na feira, os cordelistas, meus tios tocavam violão. Os aboiadores, como se fossem cantigas medievais; os arautos de feira, os violeiros, tudo isso secular, vindo da Europa. Isso eu absorvi de uma maneira absolutamente natural. Quem industrializou essa cultura foi Luiz Gonzaga, que estava, quando eu era pequeno, no som do alto-falante. Eu conheço Luiz antes de ele ser Luiz”, discorre. “Conheço a construção dele”.

A casa foi outra escola tão musical quanto a feira: “Meu tio paterno e meu avô tocavam violão, viola. Eles tocavam mais para o lado da seresta, da Rádio Nacional. Orlando Silva, Noel Rosa. Tudo isso eu ouvia quando pequeno. Entrou na minha cabeça”, lembra, revelando que era proibido de cantar nos saraus da família. “Meu pai era desafinado, então eu (por ser afinado) era o único que não podia dar um pio”, gargalha o homem que passeia entre as épocas com tanta naturalidade que só poderia ter chamado de “Luneta do Tempo” sua estreia como diretor de cinema. O longa, com previsão de lançamento ainda para este ano, é uma visita às referências da sua infância e tem direito a pérolas como Alceu cantando Luiz Gonzaga com vaqueiros. No elenco, nomes de peso como Hermila Guedes, Dira Paes e José Dumont. “Eu estava escrevendo, fazendo umas anotações no (bar) Amarelinho, na Cinelândia, no Rio, quando o Waltinho (Carvalho, diretor de fotografia e cineasta) apareceu e disse que aquilo era cinema”, conta. Carvalho terminou assinando a fotografia do longa.

A relação de Alceu com o cinema não é nova. Em 1974 ele atuou em “A noite do Espantalho”, de Sérgio Ricardo. Mas nada que se compare com seu envolvimento com a literatura, que é de berço. Suas letras sobrevivem naturalmente à ausência de música. Pense, por exemplo, no caudaloso e visual poema que é “Papagaio do Futuro”. Daí para a câmera é um passo.

Enquanto Alceu fala, é interrompido por um bloco de frevo que transborda seus clarins na rua de trás de seu sobrado. “Morava numa rua carnalódroma como esta”, diz, fonemas abertos como os de um menestrel. É neste sobrado que ele se alimenta do carnaval: todos os blocos passam diante de sua janela. A casa de Alceu é uma espécie de embaixada. De Cazuza a Caetano, muitos foram – e são – os artistas convocados para as constantes tertúlias do lugar onde Alceu vive com a família numerosa, de descendentes e muitos agregados.

Como companhia constante, Yanê Reis, uma loura carioca, fiel escudeira e produtora. Com ela, gosta de frequentar os bares e restaurantes de Olinda – como o Maison do Bonfim, abrigo da boa cozinha francesa e da boemia da cidade histórica. “Ela está trabalhando para trazer uma versão do Festival de Montreux para cá. Não só para trazer artistas de fora, mas para facilitar a ida de gente daqui para fora”, ele completa. Quando não está em Olinda, passa temporadas no Leblon.

Se é um cantor regido pelo calendário festivo de seu povo, Alceu não é especialmente saudosista com seu próprio tempo. Diz, por exemplo, que nem em memória tem visitado o repertório de “Quadrofônico”, sua estreia fonográfica de 1972, arranjada por Rogério Duprat em parceria com Geraldinho Azevedo. Nada de revisitações, regravações, auto-homenagens. “Não, não pensei em fazer nada, não... É verdade, são 40 anos...”, suspira, enquanto se prepara para ocupar, mais uma vez, seu lugar no palco a que a próxima grande festa popular pernambucana certamente se encarregará de convocá-lo. 



# BID, O AGREGADOR

Por Cláudia Alves, do Rio \* Foto de divulgação

**MÚSICO, COMPOSITOR E PRODUTOR, EDUARDO BIDLOVSKI TRANSITA ENTRE MUNDOS QUE VÃO DE RITMOS JAMAICANOS A CAUBY PEIXOTO, PASSANDO POR FORRÓ, MANGUEBEAT E HIP HOP, SEMPRE EXPERIMENTANDO**

Os pés no passado, a cabeça no futuro. Assim BiD, músico, produtor e compositor, impulsiona uma carreira marcada por parcerias com alguns dos maiores nomes da música brasileira contemporânea – e referências a craques de outras épocas e de outros lugares. Neto de poloneses, Eduardo Bidlovski transita entre mundos superdiversos e agrega, com estilo, rock, hip hop, Cauby Peixoto, manguebeat, xote, ska, Luiz Gonzaga, Arnaldo Antunes, dancehall e o que mais seu eclético gosto permitir. Seu mais recente disco solo, "Bamba Dois", lançado em outubro passado, pôs no mesmo balaio um naipe de letristas jamaicanos e um caprichado time nacional de instrumentistas para dar vida a um passeio por sonoridades que parte do reggae e vai além, em músicas compostas por ele e por Fernando Nunes.

– Eu não queria fazer um disco de reggae, por isso precisava de algo bem **roots**, de músicos com uma base muito sólida – enfatiza o compositor, que fez sua escalação conforme o instrumento: alfaia (Nação Zumbi), sanfona (Dominguinhos), zabumba (Pitoco), pandeirões de São Luís (Papete).

Fazem parte da lista do CD nomes como Siba, Luiz Melodia, Bi Ribeiro, Karina Buhr e Chico César. Como semelhanças

entre o primeiro disco e o segundo, o músico cita o fato de que as letras são feitas por convidados. E ressalta também as participações especiais nos dois CDs. A união de soul, funk, samba e hip hop de "Bambas e Biritas – Volume 1" (2005) contou com Elza Soares, Seu Jorge, Rappin' Hood, Carlos Dafé, Gerson King Combo e Trio Mocotó.

BiD, hoje com 45 anos, começou na carreira aos 17, como compositor e guitarrista da banda Tokyo. Três anos mais tarde, foi estudar marketing nos Estados Unidos. Ele conta que o que aprendeu no curso ajudou bastante na hora de se vender, quando procurou emprego na Capitol Records. Foram três anos de trabalho num templo musical. É dessa época que vem boa parte de sua coleção, com uma parede repleta de vinis e mais meia de CDs.

– Além do marketing, eu fiz cursos na UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles) na área de indústria fonográfica. Comecei na Capitol como estagiário, mas tinha uma função de confiança: era responsável por ouvir e fazer a primeira triagem das fitas K7 que mandavam para lá. De 300, eu selecionava umas duas. Pelos corredores, havia fotos do Frank Sinatra, discos dos Beatles, e eu fiquei amigo do pessoal da Blue Note, ficava lá tomando uísque com eles... – lembra.

Depois de uma temporada de seis anos nos Estados Unidos, BiD resolveu voltar para São Paulo. E trouxe uma carta de recomendação para trabalhar na EMI. Mas avaliou que eram muitas funções e responsabilidades para pouco salário e desistiu do emprego. No dia seguinte, Zé Rodrix convidou o músico para trabalhar na produtora que dividia com Tico Terpins. Ainda em 1993, ele já estava no grupo Professor Antena.

Três anos depois, trabalhou pela primeira vez como produtor musical com Chico Science e Nação Zumbi, em "Afrociberdelia" (1996), um disco que se tornou referência na história da música brasileira. No ano seguinte, estourou com o Funk Como Le Gusta. De lá para cá, seu currículo somou nomes como Arnaldo Antunes, Otto, Marcelo D2, Pavilhão 9, Mundo Livre S/A, Marina Lima, Daúde e Fernanda Abreu, entre muitos outros. O músico fez ainda remixes dos Tribalistas e de Jorge Ben Jor e Planet Hemp. Da safra recente saíram as trilhas originais de dois filmes, "Estamos Juntos", de Toni Venturi, e "Boca do Lixo", de Frederico Oliveira, com estreia prevista ainda para o primeiro semestre.

Em "Estamos Juntos", ele faz sua quinta parceria com Arnaldo Antunes, com a música "Eu Quero Ir", na voz da cantora Céu. Sobre a experiência no filme de Toni Venturi, o produtor e compositor conta ainda que adorou trabalhar no calor do set, como diretor musical. Sua participação no longa se dividiu em três etapas: conceber o quarteto musical que fazia parte da trama, formado por um violoncelista, um violinista, um clarinetista e um DJ; compor as canções do grupo; e acompanhar as filmagens para fazer o trabalho dos músicos da ficção parecer real.

– O Cauã Reymond fazia um DJ que tocava com um grupo erudito, e eu estava no set para cuidar para que tudo ficasse convincente. Foi ótima a experiência de participar das filmagens, o que não acontece normalmente quando fazemos a trilha – diz.

A próxima experimentação ele ainda não sabe qual será. Mas o cara que citou Cauby na época da banda Tokyo; Moreira da Silva, nos tempos de Professor Antena; e bebe com naturalidade em virtualmente quaisquer fontes de boa música certamente já planeja um novo salto para o futuro. Sem deixar de reverenciar o passado. **C**

# ADMIRÁVEL (E LUCRATIVO) MUNDO NOVO

**ARRECADAÇÃO COM MÚSICA NA INTERNET CRESCE QUASE 50% EM UM ANO, LEVANDO ECAD A CRIAR SEGMENTO DE MÍDIAS DIGITAIS**

A arrecadação de direitos autorais no segmento de música na internet teve em 2011 um salto de 48,5% em relação ao ano anterior, segundo o Ecad. Foram R\$ 3,7 milhões recolhidos por execuções públicas de obras nas categorias webcasting, simulcasting, ambientação de **sites**, transmissão de shows e outras modalidades de streaming, a forma mais popular de consumo de música na rede. Trata-se de um segmento cujas regras ainda estão sendo debatidas internacionalmente e que, segundo especialistas, tende a sofrer um processo de legalização, depois de um período de circulação de obras musicais pela rede sem qualquer pagamento de direitos. O panorama é tão animador que o Ecad criou em 2010 um segmento de mídias digitais para otimizar a arrecadação de execuções on-line.

"O interesse crescente das rádios em transmitir sua programação simultaneamente pela rede é um dos grandes responsáveis pelo aumento", afirma Márcio Fernandes, gerente-executivo de arrecadação do Ecad, que atribui à proliferação de smartphones e tablets a aposta das emissoras na web.

Mas há também um componente econômico. Atualmente, o pagamento de direitos autorais para a retransmissão de programação pela internet corresponde a apenas 10% do valor da tabela convencional. E os valores vantajosos para a utilização de músicas como trilhas sonoras de **sites** (entre R\$ 50,37 e R\$ 503,70 mensais, segundo a atual tabela do Ecad) também tem provocado um aumento do interesse das empresas. "Qualquer uso de música deve remunerar seus autores. Dessa forma, a ambientação de **sites** com músicas também deve estar de acordo com as normas do Ecad", explica Fernandes. Portais corporativos, marcas de roupas e bebida, entre outras grandes empresas são os maiores usuários.

É preciso distinguir as principais modalidades de oferta e acesso à música on-line para compreender como funcionam os mecanismos de arrecadação e distribuição em mídias digitais. A reprodução num aparelho de MP3, por exemplo, de músicas adquiridas em lojas virtuais como iTunes não é sujeita à arrecadação do Ecad.

No streaming, o ouvinte acessa uma transmissão ao vivo, sem necessidade de baixar nenhum arquivo. Esse serviço pode ser classificado como simulcasting (simultaneous broadcast), que é uma transmissão simultânea dos sinais de rádio ou TV convencionais para dispositivos conectados à rede; ou webcasting, a exibição interativa de música sob demanda, na qual o internauta escolhe a música que quer ouvir a partir de um banco de dados. **Sites** como YouTube, Last.fm, Musiic.com e Deezer.com se encaixam nessa categoria.



Apesar de ser um **site** de vídeos, o YouTube tem em seu repositório milhares de obras musicais. Em 2010, foi assinada uma carta de intenções que prevê o pagamento dos direitos autorais de execução pública relativos às músicas executadas pelo serviço no Brasil. O valor a ser pago é baseado em um percentual sobre o faturamento da operação do **site** no país.

O pagamento refere-se apenas aos acessos feitos ao YouTube no Brasil, e é preciso que as músicas e os titulares estejam registrados na base de dados do Ecad para serem beneficiados. O critério para a distribuição dos valores arrecadados é o **ranking** das músicas mais acessadas, de acordo com dados fornecidos pelo Google, empresa que administra o serviço. Para mais informações sobre o critério de distribuição do Youtube, leia o comunicado do Ecad em <http://tinyurl.com/DistribuicaoYoutube>.

Para a diretora-executiva da União Brasileira de Compositores, Marisa Gandelman, o panorama recente dos negócios de música é animador, mas é preciso garantir proteção e eficácia na gestão dos direitos autorais. "Isso se consegue trabalhando no relacionamento entre usuários, provedores de serviço, titulares de direitos autorais e sistema de gestão coletiva. Se todos tiverem boa vontade para se entender, poderão criar modelos de negócios bem simples e, assim, estimular a oferta legítima de música pela internet e pela rede de telefonia móvel", defende.

**ITUNES:  
ENTENDA COMO FUNCIONA**

O início das atividades no Brasil do iTunes, maior serviço de venda de conteúdos digitais do mundo, trouxe mais uma novidade ao segmento de música digital. A loja virtual da Apple, líder no mercado de dispositivos móveis, oferece um vasto catálogo de músicas, filmes, séries, livros e aplicativos, a um custo médio de US\$ 0,99 por música e US\$ 9,99 por disco.

Por se tratar de aquisição de um arquivo, o modelo é similar à compra de um disco em formato de vinil ou CD e gera, portanto, um direito fonomecânico. Ao comprar uma música, o usuário está adquirindo uma reprodução da obra. "Esse termo fonomecânico não é mais muito adequado, mas ainda é usado porque, ao longo do tempo, desde que existe tecnologia de fixação de sons e reprodução de cópias das músicas fixadas ou gravadas, o negócio da música se divide em dois grandes ramos: execução pública e reprodução", explica Marisa.

A venda de obras musicais no iTunes ocorre normalmente por meio de contrato direto com as editoras. A UBC também assinou um acordo com o serviço. Assim, autores que têm direitos fonomecânicos representados pela entidade podem disponibilizar sua discografia na loja, recebendo seus percentuais sobre as descargas das músicas. **C**

# PAGUE PARA VOAR, REZE PARA TOCAR

**AQUI E LÁ FORA, NÃO SÃO POUCOS OS MÚSICOS QUE ENFRENTAM PROBLEMAS COM AS COMPANHIAS AÉREAS NA HORA DE EMBARCAR – E RETIRAR – SEUS INSTRUMENTOS EM VIAGENS. CONHEÇA SUAS HISTÓRIAS E VEJA COMO EVITAR ABORRECIMENTOS**

Por André Bezerra, do Rio \* Fotos de divulgação

Tocar ao vivo é uma das principais tarefas de um músico profissional. Faz parte do seu trabalho circular entre cidades, regiões e até países diferentes para divulgar suas criações e estabelecer um contato direto com o público. Na bagagem, um elemento é obrigatório: instrumentos musicais. E é grande a preocupação dos artistas com sua principal ferramenta de trabalho. Afinal, não são poucos os casos de instrumentos extraviados, danificados ou simplesmente vetados na hora do embarque.

Com mais de 100 trechos aéreos num único ano, os goianenses hard rock do Black Drawing Chalks, que se preparam para participar da próxima edição do megafestival Lollapalooza, em abril, nos Estados Unidos, acionaram o botão de alerta quando as capas de seus instrumentos passaram a não ter mais espaço para os adesivos de 'Fragil' colados a cada embarque. "É que na maioria das vezes não há muito cuidado das empresas com as bagagens. Usamos cases bastante resistentes, mas eles não duram mais de um ano", relata o baixista Denis de Castro.

O manuseio pouco cuidadoso do material de trabalho dos músicos virou um viral na internet. Em 2009, o cantor de música country Dave Carrol se celebrou ao protestar contra a empresa americana United Airlines, a quem responsabiliza pela destruição de sua guitarra favorita. Ele e sua banda Sons of Maxwell contabilizam 11,5 milhões de visualizações do vídeo United Breaks Guitars, que mostra o músico testemunhando, da janela do avião, os funcionários arremessarem seu case no porão.

Por aqui, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) diz que instrumentos musicais são bagagens comuns, e cabe às empresas aéreas zelar por sua integridade. Contudo, na Gol/Varig, por exemplo, solicita-se aos passageiros a assinatura de um termo de responsabilidade sobre qualquer dano ocorrido ao despacharem itens de considerado valor. "Aí não tem jeito, ou a gente assina ou não embarca", revela Denis de Castro.

Quem toca instrumentos de grande porte, como violoncelo, contrabaixo, harpa, entre outros instrumentos clássicos, tem ainda mais problemas. É o caso de Jaques Morelenbaum, violoncelista, maestro e arranjador, que já chegou a pagar assentos extras para levar seu instrumento a bordo na cabine. "Quando me convidam para fazer um show, infelizmente, tenho que pedir que comprem duas passagens, uma para mim e outra para o instrumento, pois, para mim, é a forma mais segura de transportá-lo", explica o músico. Ele passou a adotar esta medida após um incidente que ocorreu em Veneza, na Itália. "Nessa época, levava o case do cello fechado dentro de um hard case gigante, que chegava a pesar quase 40kg. Mas o transporte da carga não chegou junto com meu voo, fiquei três dias sem o instrumento. Hoje em dia prefiro não correr mais esse risco", acrescenta.

Morelenbaum acredita que o mercado de shows e as constantes viagens entre músicos movimentam as atividades das empresas, o que justificaria mais compreensão por parte delas. "Somos passageiros constantes. Não acho injusto ter que pagar a mais para a acomodação do instrumento num assento, mas, ao mesmo tempo, as empresas poderiam rever os valores, uma vez que são objetos, não são pessoas, não dão trabalho nem consomem o serviço de bordo", avalia o artista.

É importante ficar atento às regras gerais de embarque de bagagens previstas pela Anac para evitar qualquer aborrecimento. Em aviões com mais de 31 assentos – a maioria das naves comerciais em operação no país –, cada passageiro tem franquia de bagagem de até 23 kg, podendo despachar mais de um volume. Acima disso, cobra-se excesso de bagagem. Os itens de mão não podem exceder 5 kg, e a soma das dimensões (comprimento, largura e altura) não pode ultrapassar 115 cm. Em alguns casos, a empresa pode cobrar um percentual do preço de um assento para embarcar instrumentos volumosos na cabine.

## SENHORES PASSAGEIROS, EMBARQUE PELO PORTÃO... DO SETOR DE CARGA

Algumas empresas tem optado por não aceitar o despacho de instrumentos nos guichês de passageiros, o que tem despertado a ira da classe musical. É o caso da TAM. No último ano, a companhia passou a exigir que esse tipo de volume seja despachado como carga, nos setores específicos dos aeroportos. "É uma grande sacanagem com os músicos. A gente vê equipes de teatro e cinema embarcando seus equipamentos de trabalho normalmente. Às vezes, são volumes bem maiores do que um instrumento musical", critica o produtor e tecladista Dustan Gallas, do grupo cearense Cidadão Instigado.

O músico conta que passou por vários inconvenientes devido ao problema. "Já aconteceu de os instrumentos ficarem presos no aeroporto. Tive que improvisar e pegar equipamento emprestado, porque a bagagem foi para outra cidade", relata. Por outro lado, para os produtores, a principal queixa é a mudança nas agendas e cronogramas das turnês, pois precisam chegar com mais antecedência para a entrega das bagagens e também para o recebimento no local de destino, também no setor de cargas.

O assunto chegou às redes sociais quando a banda Móveis Coloniais de Acaju publicou em *sites* e redes sociais as dificuldades por que passou em 2011, inclusive às vésperas

do Rock in Rio. "Tivemos três problemas sérios. Uma vez, nossos instrumentos de sopro, que levamos como bagagem de mão, foram barrados. Outra vez, quiseram barrar todos os instrumentos, mas vimos que no mesmo voo, no guichê ao lado, deixaram embarcar equipamentos de outra banda. É arbitrário", desabafa o baixista Fábio Pedroza.

Para contornar a situação, membros da banda acabam se dividindo em voos de diferentes empresas. A banda formalizou queixas em todos os casos junto à Anac e pensa em abrir um processo judicial. "Os clientes são desrespeitados quando não recebem informações corretas, e nada sobre isso é informado na hora em que compramos as passagens", argumenta.

Por meio de sua assessoria de imprensa, a Gol diz ser justificável a assinatura do termo de responsabilidade devido "à natureza atípica da carga". A companhia acrescenta ainda que, no caso de volumes grandes, o cliente pode utilizar o serviço de cargas. Já a TAM alega que o embarque por meio do setor de carga é um procedimento que visa a garantir maior segurança e cuidado aos equipamentos durante o transporte.

A Anac informa que o transporte de instrumentos musicais e outros tipos de bagagem especial deve ser incluído na franquia correspondente aos voos domésticos, da mesma forma que uma bagagem comum. A cobrança por peça não é regulamentada no país. 

## PROTEJA SEU MATERIAL DE TRABALHO

- Só despache se estiver em cases rígidos, de material resistente e com fechos, de preferência com tranca.
- Não se esqueça de afixar o adesivo 'Fragil' e identificar o proprietário, com endereço e contatos.
- Se for levar na cabine, fique atento às dimensões, que não podem passar de 115 cm, somadas altura, largura e profundidade.



Black Drawing Chalks



Jaques Morelenbaum



Dustan Gallas



Móveis Coloniais de Acaju



# SEMPRE É TEMPO DE MÁRIO LAGO

**LEIA TRECHOS DE UMA ENTREVISTA QUE O MESTRE NOS DEU EM 2001, HOMENAGEM AO SEU CENTENÁRIO E PRIMEIRO DOS GRANDES MOMENTOS DA REVISTA QUE REPUBLICAREMOS PARA COMEMORAR OS 70 ANOS DA UBC**

\* Fotos de Ricardo Fasanello

Mário Lago é que era compositor, ator, escritor, radialista, ativista político e boêmio de verdade. Com destaque em todas as muitas áreas em que atuou, o coautor de “Ai, que Saudades da Amélia”, entre outros sucessos, vai ganhar este ano exposição, documentário e gravação de dois CDs que incluem canções inéditas, além de um montão de homenagens. E nós não poderíamos ficar de fora. Para lembrar os recém-completados 100 anos do multiartista – e, de quebra, dar início às comemorações pelos 70 anos de fundação da UBC, que serão comemorados em junho –, relembremos um bate-papo entre ele e os compositores Fernando Brant e Abel Silva, publicado pela “Pauta Extra”, antecessora da “Revista UBC”. E foram tantos momentos preciosos que ilustraram as nossas páginas desde que surgimos, como “Boletim Social”, em 1943, que não dá para parar por aqui. Nos próximos números você vai conferir outras reportagens e entrevistas históricas que ajudaram a registrar o melhor da música brasileira nas últimas décadas.

Além de parte do papo com Lago, confira como Fernando Brant e Abel Silva se lembram daquele dia tão especial. Como define o filho do artista, Mariozinho Lago, “a entrevista não perdeu a atualidade. Ele falou sobre cultura, política e música e apontou para problemas que ainda estão aí, embora tenham surgido também algumas soluções. Os motores de que ele tratou, que movem a criação, a sensibilidade, a sociedade e a própria evolução da humanidade, são os mesmos. É de uma engrenagem permanente que ele fala”. A entrevista foi uma boa ocasião para ver Mário Lago destilar sua verve. “Eu discordo quando as pessoas falam ‘No meu tempo...’. O meu tempo é hoje”, disse o compositor, mostrando que sua herança é eterna. Sempre é tempo de Mário Lago.

## “UM BRASILEIRO ATIVO POLITICAMENTE, UM ARTISTA E UM CIDADÃO DE SE ADMIRAR”

Por Fernando Brant

A entrevista foi emocionante. Tanto eu quanto o Abel Silva admirávamos o Mário Lago havia muito tempo, desde que ele era da Rádio Nacional.

Ele era um brasileiro ativo politicamente, era um artista e um cidadão de se admirar. E eu me vi ali, na mesma profissão que ele, porque também sou um letrista.

Ele, Paulo Gracindo e outros foram do rádio, da TV, do teatro — e, no caso de Mário Lago, da música também.

Mário Lago era um sábio. E nos recebeu muito bem. Voltamos a nos encontrar várias vezes depois da entrevista, e ele foi um grande amigo. A história de vida dele, que está nos livros escritos por ele e relançados agora em seu centenário de nascimento, é muito interessante.

Na entrevista, falamos sobre a fundação da UBC, que é a associação de autores musicais mais antiga, de 22 de junho de 1942. Mário Lago, Ataúlfo Alves, Ary Barroso, Braguinha, muitos estavam ali na época da fundação.

Antes, havia um departamento de música na SBAT. Depois alguns compositores saíram para criar a ABCA. E em 1942 todos se juntaram para criar a união, a UBC, que tem esse nome por isso: União Brasileira de Compositores.

Mário Lago contou casos que viveu que envolviam a cobrança de direitos autorais, porque, naquela época, isso era mais complicado ainda do que é hoje. Ele chegou a ser ameaçado de prisão por querer cobrar os direitos dos autores.

## “RESENHA DE UMA VIDA RICA E DIVERSIFICADA”

Por Abel Silva

Foi uma tarde inesquecível a que passamos juntos eu, Fernando Brant e o grande Mário Lago no apartamento dele em Copacabana. A conversa rolou fácil, afinal, eram três colegas de profissão. E, feliz coincidência, três tricolores. Falamos sobre a cultura brasileira em geral, futebol e direito autor, ele demonstrando o seu comprometimento radical com a nossa causa.

Ouvimos causos e mais causos dele e de seus parceiros históricos, fatos e anedotas, resenha de uma vida rica e diversificada que se destacou em várias atividades artísticas e num comprometimento político admiráveis.

Ficou na minha memória, por exemplo, seu depoimento sobre a bebida. Ele contou que, no começo da vida artística, em plena juventude, entrou, digamos assim, com muita sede no assunto. E de tal forma que os colegas um dia chamaram a sua atenção para o fato de que, sob os efeitos da birita, ele virava outro, um outro bem menos interessante que o original. Então, numa atitude admirável de autodomínio, o mestre se afastou do álcool até o fim da vida.

O homem que tinha mar, rio e lago no nome faz falta neste momento conturbado da cultura brasileira, particularmente de nossa música popular. Tenho certeza de que hoje estaria ao nosso lado.

## Fernando Brant: Você ingressou na UBC 1942, quando foi criada, ou muitos anos depois?

Mário Lago: Eu sou um dos fundadores, mas na época eu estava fazendo uma excursão. Eu vim da ABCA que, na época, foi uma dissidência da SBAT, que não cobrava os direitos autorais de música como desejávamos. A UBC saiu da ABCA, quando esta se fundiu com o departamento e música da SBAT.

## FB: A ABCA surgiu quando os compositores de música saíram da SBAT para fazer uma só de música, não é isso?

ML: Foi. Mas quando nós saímos da ABCA, nem todos vieram. O Ary Barroso, Custódio Mesquita ficaram e até criaram um departamento de música, o direito funcional. A ABCA ficou uns três meses sem receber um centavo.

## FB: Então, a UBC foi a união do pessoal de música que estava na SBAT com o pessoal da ABCA?

ML: Justamente. Foi num carnaval. Na época o baile do Municipal, que era o grande lugar do baile de carnaval. Havia uma comissão de direitos de carnaval. A SBAT até abriu mão dos direitos autorais, mas a ABCA, não. Nós estávamos com Aurora, Helena... Era o momento da gente aproveitar. Nós falamos “os senhores pagam orquestra e a ornamentação. Se a orquestra não tocar, ninguém vai ao teatro e não abrimos mão”.

## Abel Silva: Se tocar, a música é de alguém, tem que pagar. Esse raciocínio a gente tem que fazer até hoje, Mário. É impressionante.

ML: Todos os fiscais foram assassinados. Nós ficamos três meses sem receber um centavo. Até hoje, se não me engano, está lá: Tupi foi o primeiro pagante de direito autor. Foi uma luta difícil pra burro, tanto que nós nos chamávamos os 18 do Forte de Copacabana.

## FB: Já me contaram até que, às vezes, os próprios autores iam com os fiscais.

ML: Era pior, foi uma luta muito grande, mas se ganhou face à UBC o que é atualmente. O primeiro editor estrangeiro que veio para nós foi o Robson. Ele editou “Aurora” nos Estados Unidos. Essa música é de novembro e quase em cima do carnaval saiu “Alalaô”. Foi num concurso de jornal, que fechava à meia-noite. Faltando quinze minutos para a meia-noite, nós estávamos começando. Eu tinha dado uma entrevista que eu não ia concorrer. Nasser falou: “você não vai concorrer, mesmo?”. Eu disse “não, pode inscrever ‘Alalaô’”. Ele foi e abocanhou e estava tudo combinado para ganhar “Aurora”, porque a Comissão Julgadora era toda da Rádio Nacional. O Joel de Araújo era o cantor e aquilo estava tudo comprado, depois é que ele me disse.

## AS: Você atua em todas, joga nas onze. Quais foram seus poetas, escritores e seus compositores preferidos?

ML: Meu pai era um homem de teatro e minha mãe era cantora. O ambiente lá em casa era de música. Papai era maestro, meu avô era flautista e meus tios eram violinistas.

## AS: Você se lembra de algum poeta que tenha influenciado a sua poesia?

ML: Tenho influência parnasiana desde garoto.

## AS: Só que a música levou você para um estilo nada parnasiano.

ML: Me levou para o teatro, onde meu pai trabalhava.

## FB: Você fez sucesso com vários parceiros, Ataúlfo Alves, Custódio Mesquita, Roberto Roberti, Roberto Martins, Benedito Lacerda, Chocolate...



Mário Lago,  
Fernando Brant  
e Abel Silva

ML: O Roberto Martins foi uma figura interessantíssima. Foi um guarda civil. Ele tinha um defeito na mão porque uma vez levou um tiro. Ele dizia assim: "Eu aprendi a ser gente convivendo com vocês". Ele não se metia em briga. O Ataulfo também era assim. Eram pessoas que vinham de baixo e o ambiente era muito bom. No Café Nice, iam Orestes Barbosa, Nássara, Alberto Ribeiro. A turma que vinha tinha com quem conversar. Tinha um pessoal que era meio barra pesada, mas em todos os tempos há barra pesada.

**AS: O Ataulfo não bebia, não é?**

ML: Não. Eu também não. A melhor coisa é não beber. Porque a turma toda fica enchendo o saco e as meninas ficam ali em volta. Quando já está todo mundo arriado, a gente diz "vem cá". Quem nunca tomou um porre, atire a primeira pedra. Eu me lembro que uma eu estava em lugar, acho que era uma boate, e de repente, sumiu tudo. Eu estava deitado em uma sala, uma porção de gente deitada no chão, no sofá... Eu escutava "Quem é aquele rapaz?". Daí a pouco eu vi as luzes da cidade e eu não conhecia ninguém. Era na ladeira da Glória. Quando cheguei em casa, lembrei de uma coisa que fiquei preocupado. É que eu passei a noite inteira com uma peruca azul. E a velha perguntando: "Mário, que é isso?". Foi a única vez que eu peguei um porre mesmo para valer.

**FB: Falam que o Geraldo Pereira ficava muito chato quando bebia.**

ML: É, ele queria briga. O Satã ficava sentado tomando uma média e dizia "vou dar uma porrada". Eu dizia: "Não vai, não".

**FB: Aí ele provocou e perdeu a briga. Eu conheci Satã com mais de 70 anos e ele fez uns movimentos de capoeira na praia. Era um negócio fantástico. Ele era exuberante.**

ML: Satã era uma bicha que tinha charme. Às vezes o Geraldo chegava no Café Nice de porre. Quando eu via ele armando confusão, pedia pra ele sentar do meu lado e ficava mais tranqüilo.

**AS: Você tinha essa fama também, de ter grande elegância, belíssimo.**

ML: Eu era um príncipe.

**FB: A sua mãe queria que você fosse diplomata, pra andar de casaca, não é?**

ML: É, concertista de piano... Eu tinha o físico para usar casaca: magro e alto.

**AS: Mas você é melhor nas artes do que no Itamaraty. O Brasil ganhou mais com isso.**

ML: Antigamente, toda pensão tinha uma vitrola que a gente chegava e botava um disco. A "Número Um" mudava várias vezes. Tinha que mudar, porque o disco furava. É que qualquer filho de pobre com dor de corno de madrugada cantava a "Número Um". E também a música ficou com o Galhardo, Orlando Silva... Isso não é fácil. Ainda mais agora, que mercantilizaram o negócio. O dinheiro come solto.

**AS: Existe uma coisa chamada "música de trabalho", que já vem pronta, essa que vai tocar.**

ML: Mudou o ambiente, mudou a relação do compositor com o cantor... Agora tem o negócio do baú. Eu não sou louco, tenho uma bagagem, não vou pedir baú nenhum. Sempre fui cafetão de música, não coronel. Música tem que me dar dinheiro, não o contrário.

**AS: Essa é ótima. Cafetão, tudo bem, coronel nem pensar.**

ML: Eu não diria cafetão. Gigolô.

**FB: Queria saber de uma história sua, de uma música que foi censurada pelo DIP.**

ML: Uma delas foi a Rua sem sol. Estava cantando na Tupi em 1964 e o censor disse: "Mário, que negócio é esse de 'mas no alto da rua sem sol há uma luz sempre acesa?'" Eu disse: "Você já passou, por acaso, num jardim que tem uma ladeira? Reparou que, no alto da ladeira, tem sempre uma lâmpada?" Ele disse que já. "Pois é aquela lâmpada". Toda censura é muito burra.

**AS: Você enfrentou as duas maiores que o Brasil já teve, a do Getúlio e a dos militares**

ML: A dos militares ainda foi pior, porque no tempo de Getúlio era por boletim escrito, dizendo "está proibido isto ou aquilo". Em 64, era por telefone. Em teatro, você tem que driblar muito. Eu fazia uma experiência em teatro, censura de revistas...

**AS: Mário, você é um dos nossos preferidos. Bem que podia dar uma receita pra gente.**

ML: A receita é viver. Eu cheguei aos 89 anos vivendo. Eu fiz um acordo com o tempo: nem ele me persegue e nem eu fujo dele. Um dia a gente se encontra. Eu discordo quando as pessoas falam "no meu tempo...". O meu tempo é hoje. Mas eu tenho uma estrada de cabaré, de dancing que já valeu. Como diz Neruda, confesso que vivi. Tive cinco filhos e nove netos. Eu não sou saudosista, eu guardo lembranças. 

Leia a entrevista completa em [www.ubc.org.br](http://www.ubc.org.br)

## SEUS DIREITOS NO EXTERIOR.

O associado da UBC tem a mais ampla representação do seu repertório no exterior.

Direitos Autorais de Execução Pública  
em mais de 130 países.

Direitos Conexos de Execução Pública  
em mais de 20 países.

Direitos Fonomecânicos  
em mais de 80 países.

O NOSSO DEPARTAMENTO INTERNACIONAL TRABALHA PARA IDENTIFICAR SEU REPERTÓRIO FORA DO BRASIL.

Entre em contato conosco, fornecendo maiores informações sobre o uso da sua obra no exterior para garantirmos o melhor atendimento possível.

Tel.: (21) 2223-3233 / [international@ubc.org.br](mailto:international@ubc.org.br) / [www.ubc.org.br](http://www.ubc.org.br)



Em 2012, a União Brasileira de Compositores completa 70 anos de luta pelos direitos autorais. Para comemorar, apresentamos nossa logo especial, uma homenagem ao dono desta festa: você, autor. Participe desta conquista com a gente!

